



ANÁLISE DA COMUNIDADE DO ENSINO DE GEOGRAFIA

Pedro Henrique de Souza Rafael¹

RESUMO

O presente artigo busca através de uma revisão bibliográfica e análise quantitativa analisar a comunidade do ensino de Geografia, para tanto, utilizamos a plataforma Lattes, sistema que registra os currículos acadêmicos de pesquisadores, para investigar três aspectos: Onde os professores do ensino de Geografia estão, qual a natureza das orientações e quais os veículos que eles publicam. Esses parâmetros nos mostraram um panorama dos sujeitos que atuam no ensino de Geografia, objetivando assim analisar a comunidade do ensino de Geografia. Dentro da Plataforma Lattes, fizemos escolhas de recorte para analisar a comunidade do Ensino de Geografia, para ser considerado como pertencente a essa comunidade o pesquisador deve: Atuar em Programa de Pós-graduação em Geografia, ter algum dos termos Ensino de Geografia, Educação Geográfica e Geografia Escolar em seu resumo e ter orientada no mínimo 3 pesquisas sobre Ensino de Geografia. Dentro desses parâmetros encontramos 134 pesquisadores. Os pesquisadores do Ensino de Geografia publicam mais em eventos, orientam mais na graduação, estão localizados pelo Brasil todo, com presença maior no sul e sudeste e formam microcomunidades interinstitucionais.

Palavras-chave: Educação Geográfica, Plataforma Lattes, Ciência da Informação.

RESUMEN

Este artículo busca, a través de una revisión bibliográfica y análisis cuantitativo, analizar la comunidad docente de geografía, por lo que utilizamos la plataforma Lattes, un sistema que registra los currículos académicos de los investigadores, para investigar tres aspectos: ¿Dónde están los profesores de geografía? la naturaleza de las directrices y qué vehículos publican. Estos parámetros nos mostraron un panorama de las asignaturas que trabajan en la docencia de la Geografía, con el objetivo de analizar la comunidad docente de Geografía. Dentro de la Plataforma Lattes hicimos elecciones de selección para analizar la comunidad Docente de Geografía, para ser considerado como perteneciente a esta comunidad, el investigador debe: Trabajar en un Programa de Postgrado en Geografía, tener alguno de los términos Docencia de Geografía, Educación Geográfica y Geografía Escolar en su resumen y haber guiado al menos 3 investigaciones sobre la Enseñanza de la Geografía. Dentro de estos parámetros encontramos 134 investigadores. Los investigadores en la Enseñanza de la Geografía publican más en eventos, brindan más orientación durante los cursos de pregrado, están ubicados en todo Brasil, con mayor presencia en el Sur y Sudeste, y forman microcomunidades interinstitucionales.

Palabras clave: educación geográfica, Plataforma Lattes, Ciencias de la Información.

INTRODUÇÃO

¹Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas (Ufpel). Integrante do Ateliê de Pesquisas e Práticas em Ensino de Geografia (Apegeo-Unicamp) e do Tear – Grupo de Estudos e Pesquisa em Currículo, Políticas educacionais e Geografia Histórica.



O presente trabalho faz parte da dissertação em andamento intitulada “Genealogia Acadêmica, trajetórias e estratégias na constituição de uma comunidade epistêmica: O ensino de Geografia como campo científico” na qual, um dos objetivos é analisar a comunidade do Ensino de Geografia.

O Ensino de Geografia é um subcampo da Geografia que intersecciona com a Educação, muitos fatores levam ao desenvolvimento desse grupo salientamos o movimento de renovação da Geografia (DE PAULA, 2018), a redemocratização do Brasil em 1988, a aprovação da Lei de diretrizes e bases da educação em 1996 e a aprovação dos parâmetros curriculares nacionais em 1998 (CASTROGIOVANNI, 2020). Esse momento de efervescência das questões sociais e educacionais trouxe um debate para a ciência geográfica que possibilitou a criação de eventos como o Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia em 1985 e o Colóquio de Cartografia para crianças e escolares em 1995.

Desde 1977, quando Livia de Oliveira defendeu sua livre docência intitulada “Estudo metodológico e cognitivo do mapa”, que marca o início do campo a nível de pós-graduação, o Ensino de Geografia se desenvolveu e criou raízes pelo Brasil. No último Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia, em 2019 na cidade de Campinas, a professora Lana Cavalcante apresentou o dado de mais de 750 teses e dissertações sobre Ensino de Geografia defendidas. Esse número mostra ao tamanho de grupo e, também pode ser, um indício de uma diversidade teórica.

Utilizamos a plataforma Lattes, sistema que registra os currículos acadêmicos de pesquisadores, para investigar três aspectos: Onde os professores do ensino de Geografia estão, qual a natureza das orientações e quais os veículos que eles publicam. Esses parâmetros nos mostraram um panorama dos sujeitos que atuam no ensino de Geografia, objetivando assim analisar a comunidade do ensino de Geografia.

METODOLOGIA

Analisamos três aspectos nessa pesquisa: Onde estão, Qual a Natureza de suas orientações e quais os veículos de publicação. Esses parâmetros revelam um panorama da Comunidade do Ensino de Geografia. Para tal, recorreremos a plataforma lattes e aos referencias da Cientometria e da Bibliometria, dois campos da ciência da



informação. Esses dois subcampos foram utilizados como metodologia pela consideração com a importância de análises mensuráveis da ciência. Dessa forma, Rossi et al. (2018) concorda quando entende que a análise das publicações possibilita conhecer o cenário atual e o caminho percorrido pela área de pesquisa acadêmico-científica poderá resultar em contribuições para a tomada de decisões mais assertivas de futuro para a comunidade (p. 209).

Os campos de análise aqui propostos são entendidos como o estudo da “mensuração do progresso científico e tecnológico e que consiste na avaliação quantitativa e na análise das intercomparações da atividade, produtividade e progresso científico” (2001, p. 7). Para tanto, a cientometria é responsável pela utilização de técnicas numéricas fazendo uma meta-análise da ciência ou uma ciência da ciência, enquanto a bibliometria é o tratamento dos dados (DA SILVA; BIANCHI, 2011).

As análises cientométricas e bibliométricas vêm ganhando força nos últimos anos com “a criação de bases informacionais, repositórios do conhecimento científico e tecnológico, de onde era possível acessar e coletar informações (padronizadas)” (LETA, 2011, p. 66). Os anais de evento são um exemplo de um grande expoente desse processo, pois inicialmente eram disseminados em livros e/ou CD-ROMs e, com o avanço da tecnologia, atualmente são disponibilizados por meio digital e disponíveis gratuitamente na internet. Importante pontuar que, se por um lado as bases de dados são importantes para compreender a ciência, como já dito, por outro lado Silva e Bianchi (2011) apresentam que são fatores quantitativos que não avaliam qualidade ou importância, até porque os significantes qualidade e importância estão em constante disputa, não sendo um ou outro mais significativo para as pesquisas.

Para operacionalizarmos essas análises, definimos nossos pontos iniciais que são os pesquisadores atuais do Ensino de Geografia, assim, recorreremos aos 74 programas de pós-graduação em Geografia, reconhecidos pelo Ministério da Educação. A partir da Plataforma Sucupira acessamos os sites dos programas e olhamos os currículos Lattes dos professores credenciados. Como recorte, selecionamos os pesquisadores que: (1) tem os significantes Ensino de Geografia ou Educação Geográfica ou Geografia Escolar em seus resumos; (2) tenham orientado pelo menos 3 pesquisas de Mestrado ou Doutorado na área. Dentro da Plataforma Lattes os pesquisadores informam suas orientações, publicações e locais de trabalho,



possibilitando a geração dos dados dessa pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A presente pesquisa colabora para responder dilemas levantados por Moraes (2019) sobre quem está nos ouvindo da ciência geográfica, não apenas dentro da academia, como também fora. Pinheiro (2020) apresenta que, em sua tese, foi percebido um desconhecimento da produção em Ensino de Geografia, por mais que houvesse um crescimento significativo entre os anos de 1968 e 2000.

A década de 1980 foi um momento de mudanças de paradigmas que modificaram as necessidades dos professores, o fim do regime militar após 21 anos, o movimento das Diretas Já e o processo de redemocratização são alguns dos eventos que desafiam os professores a formarem “sujeitos reflexivos, críticos e com possibilidade de se tornarem agentes reais na interpretação, intervenção e produção da realidade” (CASTROGIOVANNI, 2020, p. 239). Este contexto é responsável pela criação de eventos voltados ao ensino de Geografia, a nível nacional com o Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia (ENPEG) e a nível regional com o Encontro Estadual de Geografia do Rio Grande do Sul (EEG-RS), ambos vigentes até a atualidade, caminhando para suas 14ª e 36ª edições, respectivamente. Não obstante, os eventos de caráter nacional e geral da Geografia começam a apresentar Grupos de Trabalhos (GTs) voltados ao Ensino (CASTROGIOVANNI, 2020; CALLAI, 2020). Tais mobilizações também têm como contexto a resistência de dentro da Geografia após um período de ascensão dos Estudos Sociais, além do próprio movimento da Geografia Crítica (SUERTEGARAY, 2019, p. 3).

Os programas de pós-graduação começam a desenvolver linhas e áreas de concentração sobre o Ensino (CAVALCANTI, 2016) chegando, no ano de 2017, a vinte linhas de pesquisa sobre, entre 64 programas de pós-graduação em Geografia. Esse processo decorrente de um crescimento da produção na pós-graduação, aumento dos programas (Mestrado e Doutorado) e as políticas para pós-graduação, como o Plano Nacional da Pós-Graduação (PINHEIRO, 2003).

Em artigo na revista da Anpege, De Paula (2018) defende que o processo de renovação da Geografia e o desenvolvimento da Geografia crítica atrelado aos



movimentos políticos e econômicos do Brasil deram abertura para um novo sujeito na ciência geográfica.

No momento presente do pensamento geográfico, são viáveis determinadas análises, que, no passado, foram consideradas menores ou irrelevantes. Nesse sentido, a pluralidade de possibilidades existe dentro de determinado contexto científico, estabelecido a partir da geografia crítica. Da mesma forma, a situação institucional da pesquisa em geografia expõe que o conhecimento é gerado dentro de determinadas condições materiais e imateriais, logo em certa medida, está condicionado às possibilidades da pós-graduação (DE PAULA, 2018, p. 41)

Esse novo sujeito traz novos particularismo para a ciência geográfica como questões étnico-raciais, gênero e sexualidade, ensino de Geografia e outros. E como o autor comenta, esse sujeito está vinculado as possibilidades da pós-graduação, com o aumento dos programas de pós-graduação há a possibilidade de “outros sujeitos se inserirem como pesquisadores, e, assim, apresentarem o Brasil a partir da análise dos processos em que estão implicados” (DE PAULA, 2018, p.60).

A Pós-graduação é um ponto central para o desenvolvimento do ensino de Geografia, em artigo escrito por Lencioni (2013), em 2000 existiam 20 programas de pós-graduação em Geografia no Brasil, já em 2012 houve um salto para 48 programas. Um dos motivos para o desenvolvimento dos programas, está no programa de reestruturação e expansão das universidades federais (REUNI), o qual tinha como uma de suas dimensões a “articulação da graduação com a pós-graduação: Expansão qualitativa da pós-graduação orientada para a renovação pedagógica da educação superior.” (BRASIL, 2007). Esse momento foi de extrema importância para o campo, como coloca CAVALCANTI (2016, p. 405):

reafirmou-se o papel relevante da Geografia na formação das pessoas, mas reconhecendo que mudanças relacionadas ao cotidiano espacial de uma sociedade globalizada, urbana, informacional, tecnológica, requerem uma compreensão do espaço que inclua a subjetividade, o cotidiano, a multiescalaridade, a comunicação, as diferentes linguagens do mundo atual

Quando especializamos esses programas constamos o que já havia sido evidenciado por Lencioni (2013, p.7) que “historicamente, o número de programas tem aumentado, em especial no interior do país” e por Cavalcanti (2016, p.406):

apontam para sua expressiva concentração no sudeste e sul do País (que tem relação com a concentração econômica e produtiva nessas regiões), pelo menos até os anos de 1990, sua gradativa expansão nas duas últimas décadas,



acompanhada de uma tendência à interiorização e distribuição mais equitativa dos mesmos pelo território nacional.

Em virtude da grande quantidade de programas de pós-graduação e de sua especialização no território nacional, os sentidos de Geografia são expandidos e, por consequência, os sentidos de ensino de Geografia também. Isso abre possibilidade para as disputas pelas hegemonias discursivas do campo, esses antagonismos só são possíveis uma vez que existam um ponto nodal que aglutine demandas, aqui defendemos a Pós-graduação como um ponto central.

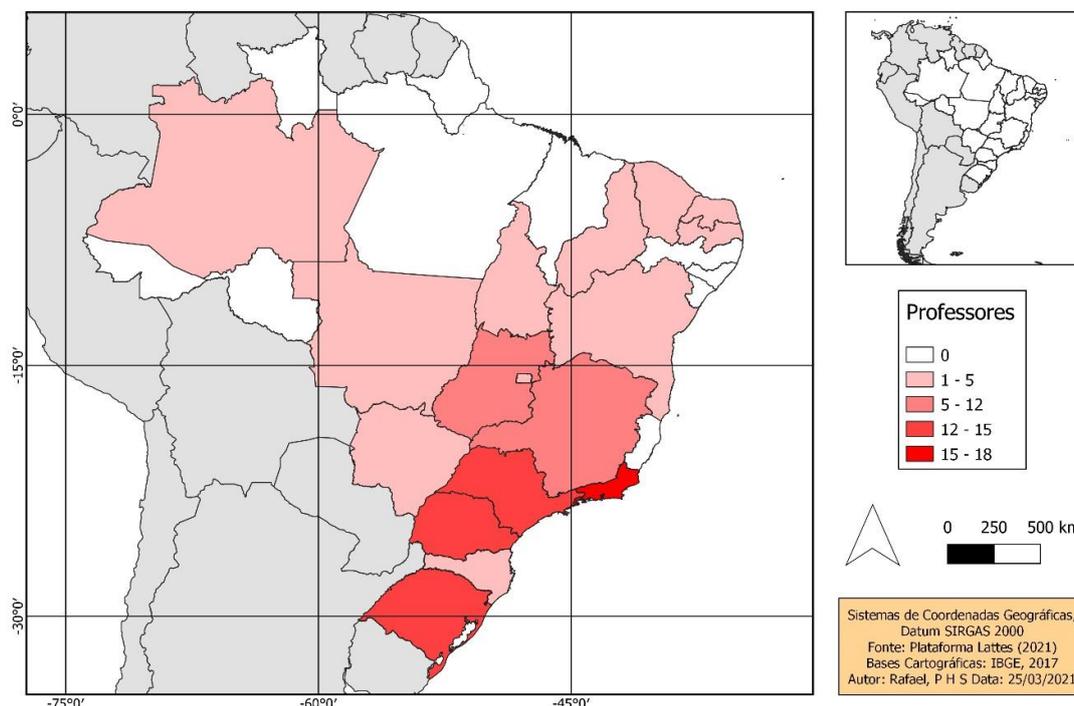
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentro da Plataforma Lattes, fizemos escolhas de recorte para analisar a comunidade do Ensino de Geografia. Para ser considerado como pertencente a essa comunidade o pesquisador deve: Atuar em Programa de Pós-graduação em Geografia, ter algum dos termos Ensino de Geografia, Educação Geográfica e Geografia Escolar em seu resumo e ter orientada no mínimo 3 pesquisas sobre Ensino de Geografia. Dentro desses parâmetros, encontramos 134 pesquisadores, como evidenciado no mapa abaixo.

Figura 1: Mapa dos Professores de Programas de Pós-Graduação em Geografia que orientaram, no mínimo, três pesquisas sobre Ensino de Geografia.



Professores de Programas de Pós-graduação em Geografia que orientaram, no mínimo, três pesquisas sobre Ensino de Geografia - Plataforma Lattes/2021



Fonte: Plataforma Lattes
Elaboração: Autor (2021)

Uma possível justificativa para a presença de diversos pesquisadores sobre Ensino de Geografia em Minas Gerais reside no fato de ser o estado com o maior número de programas de pós-graduação (8) que confere ao estado uma enorme quantidade de professores e possibilidades de linhas temáticas. Importante frisar os estados de São Paulo e Rio de Janeiro que são os primeiros programas de pós-graduação em Geografia no Brasil.

Rio grande do Sul e Goiás são estados que apresentam grandes núcleos de ensino de Geografia, o NEEGeo, Núcleo de estudos em Educação e Geografia na Universidade Federal do Rio grande do Sul, e o Lepeg, Laboratório de estudos e pesquisas em Educação Geográfica na Universidade Federal de Goiás. Ambos os grupos têm destaque nacional e internacional nas pesquisas em Ensino de Geografia.

Outro aspecto que analisamos é a natureza das orientações, como aparece no gráfico 1. Percebemos que é um grupo que orienta mais trabalhos voltados a graduação, como Trabalhos de conclusão de curso, iniciação científica e outra natureza, que juntos representam mais de 75%. Demarcando assim um perfil de professor mais voltado ao Ensino.



Figura 2: **Orientações dos Professores atuantes no Ensino de Geografia**

Fonte: Plataforma Lattes

Elaboração: Autor (2021)

Outra análise que propomos é sobre os tipos de publicações, no gráfico 2, em relação ao gráfico 1 existe uma maior paridade nos dados, mas existe uma presença maior em eventos, o que corrobora com o gráfico anterior, isto porque os eventos são os maiores espaços de publicação para graduandos. O menor número de livros segue uma tendência em virtude dos gastos para a produção de livros.

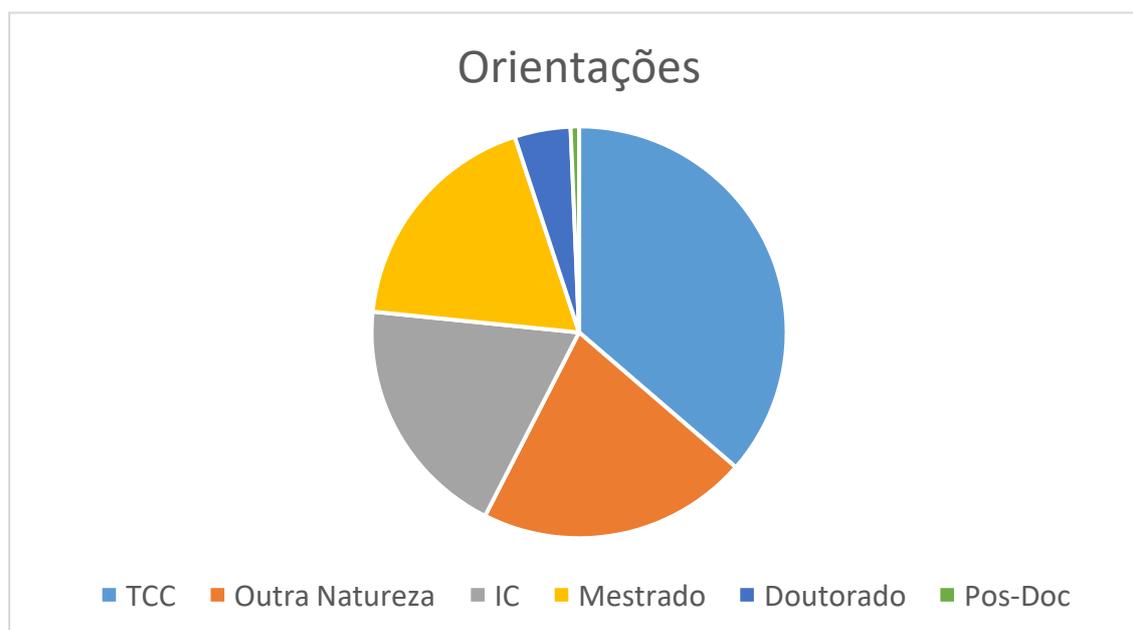
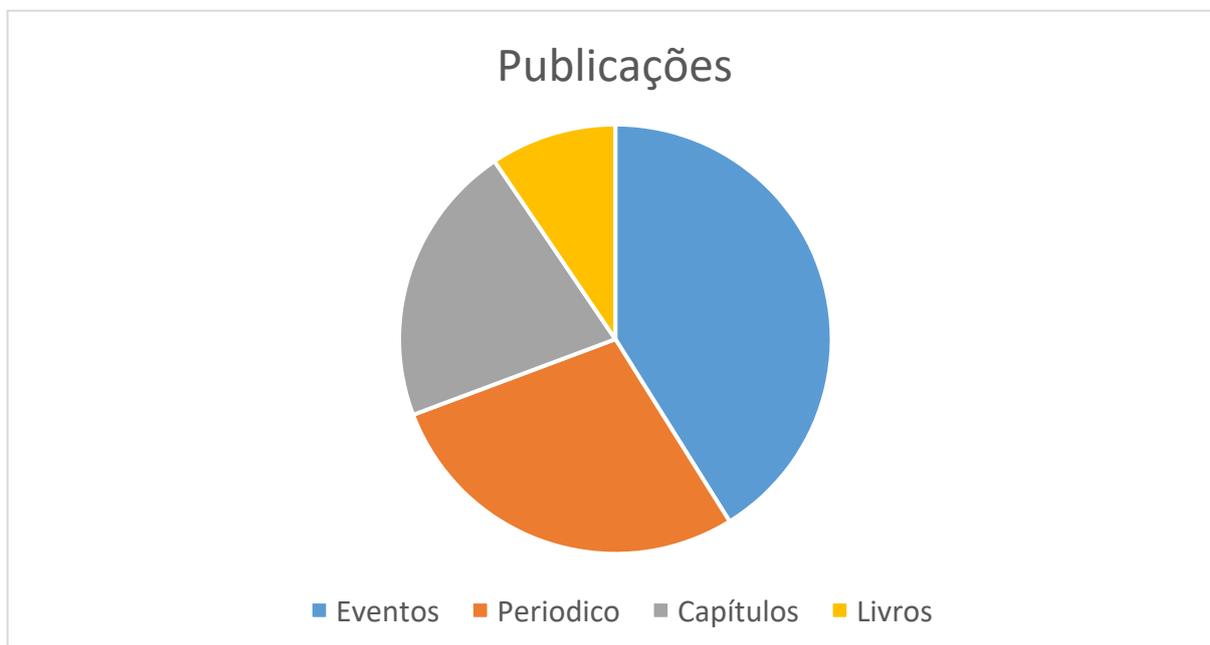




Figura 3: **Publicações dos Professores atuantes no Ensino de Geografia**

Fonte: Plataforma Lattes



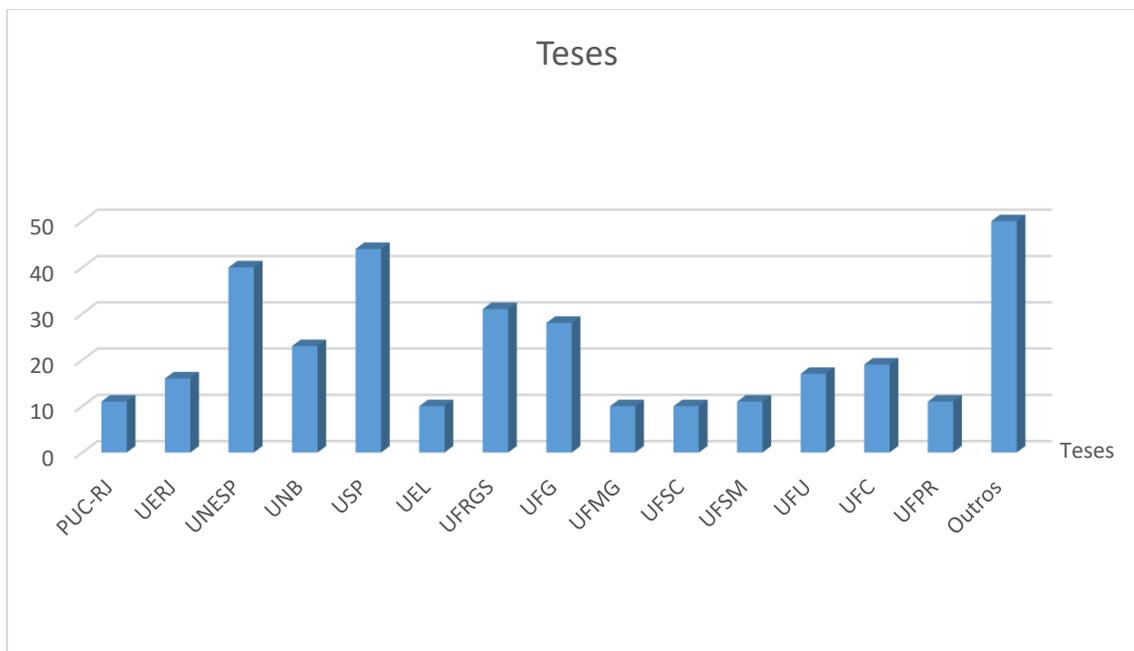
Elaboração: Autor (2021)

A figura 3 diz respeito aos veículos de publicações desses 134 professores, percebemos a grande presença de publicação em eventos e periódicos e uma menor concentração entre capítulos de livros e livros. Essa tendência segue os movimentos da ciência brasileira em geral, na qual, as publicações em periódicos contam pontos para a avaliação dos programas de pós-graduação. Já os eventos são veículos de maior quantidade, uma vez que, existem diversos eventos de caráter internacional, nacional, regional e local. Os capítulos e livros são as maneiras com maiores empecilhos para publicação uma vez que dependem de editoras, financiamento, corpo editorial e outros fatores.

Outro aspecto de análise desse trabalho, dentro do eixo orientações, nos aprofundamos nas teses e dissertações e geramos as duas figuras a seguir: Figura 4: Orientação de Teses dos Professores atuantes no Ensino de Geografia e Figura 5: Orientação de Dissertação dos Professores atuantes no Ensino de Geografia.



Figura 4: **Orientação de Teses dos Professores atuantes no Ensino de Geografia**

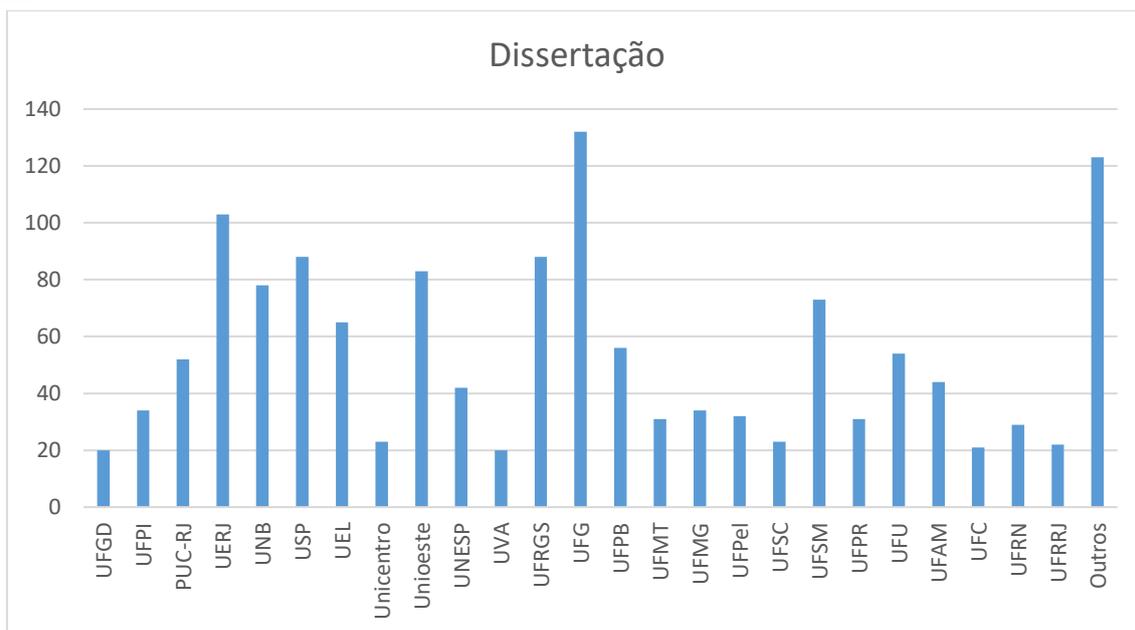


Fonte: Plataforma Lattes
Elaboração: Autor (2021)

A figura 4 apresenta as orientações de teses dos 134 professores atuantes no Ensino de Geografia, de acordo com o recorte proposto nesse trabalho. São um total de 332 Teses em programas de pós-graduação em Geografia e concentram-se na Unversidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Federal de Goiás (UFG).

Já a figura 5, apresenta as orientações de dissertação de mestrado, um total de 1424 trabalhos. Aqui existe uma mudança com relação as focos das produções que agora estão centradas na UFG, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), UFRGS e USP. As dissertações tem um caracter de maior numero de universidades, mostrando um maior espraiamento no território nacional em relação as teses.

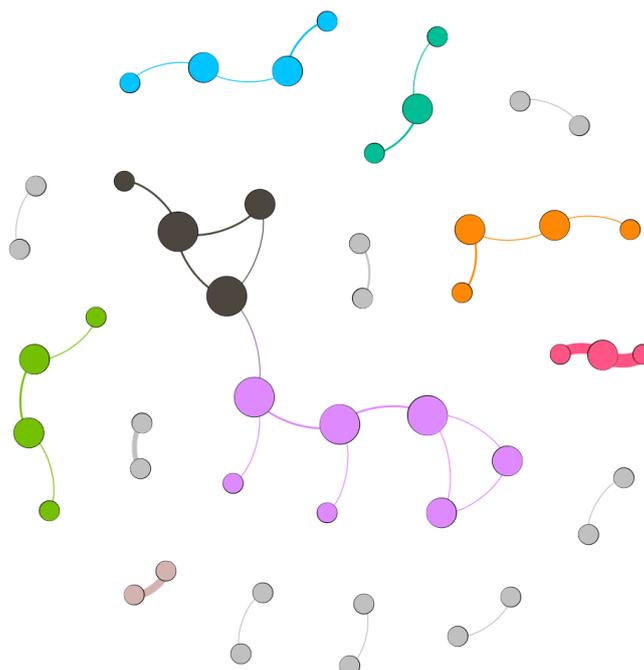
Figura 5: **Orientação de Dissertação dos Professores atuantes no Ensino de Geografia**



Fonte: Plataforma Lattes
Elaboração: Autor (2021)

Por fim, a última análise que propomos é sobre a formação de microcomunidades dentro da macrocomunidade do ensino de Geografia. Para isso, geramos dois grafos, o primeiro sobre a colaboração em trabalhos em eventos e, o segundo, sobre a colaboração em artigos em periódicos.

Figura 6: Grafo de Colaboração em Eventos

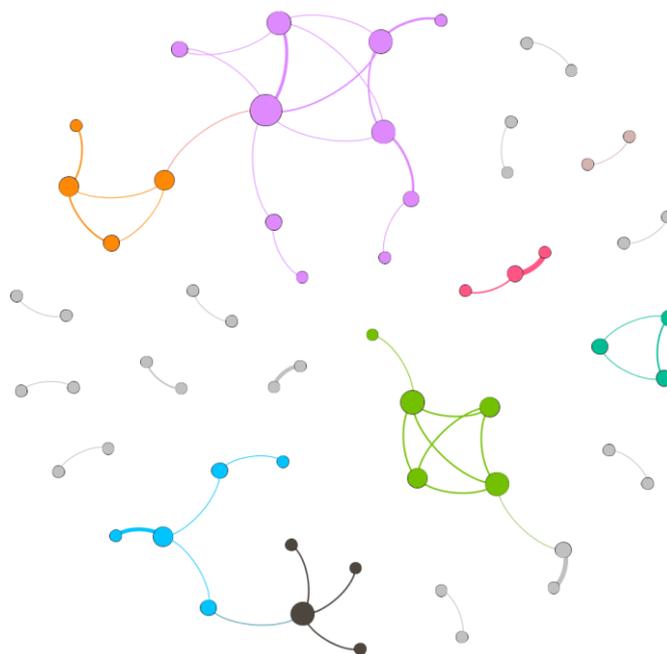




Fonte: Plataforma Lattes
Elaboração: Autor (2021)

Percebemos na colaboração em eventos duas modalidades de formação de grupos: em cadeia e em teia. As comunidades Verde, Azul, Verde Água, Laranja e Vermelha representam uma organização em Cadeia, ou seja, um pesquisador colabora com outro pesquisador que colabora com outro e assim por diante. As comunidades Preta e Roxa mostram um esquema em teia, que são pesquisadores colaborando com pesquisadores que já colaboraram com outros pesquisadores, formando uma Teia. A existência de mais colaborações no formato de Cadeia mostra que o ensino de Geografia, em eventos forma comunidades unilaterais e com baixa forma de acoplamento. Notamos também um baixo número de colaboração considerando o número de pesquisadores iniciais: 134.

Figura 7: **Grafo de Colaboração em Periódicos**



Fonte: Plataforma Lattes
Elaboração: Autor (2021)

Quando falamos em colaboração em periódicos, percebemos, assim como no grafo anterior, um baixo número de colaborações, porém é possível perceber a formação de micro comunidades, aqui analisaremos a comunidade verde, rosa e laranja. A Micro comunidade verde tem caráter institucional, ou seja, todos os pesquisadores são de uma



mesma instituição, no caso a UFRGS. Já a comunidade rosa apresenta um caráter interinstitucional com pesquisadores da UFG, Unicamp, USP, Unijuí e outras instituições. A comunidade Laranja é também de caráter institucional porém apresenta um acoplamento com a comunidade Rosa por um vínculo de Núcleo de Pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Salientamos que as análises feitas podem e serão alteradas de acordo com o pesquisador e os referências aplicados e os recortes encontram limitações, entretanto a pesquisa aponta para a existência de um grupo que pesquisa ensino e que está preocupado em publicar, sendo assim, quantitativamente formamos um grupo, agora será que discursivamente existe um grupo? Juntos, esses 134 pesquisadores, apresentam temas e metodologias com igualdades e semelhanças, mas esses pesquisadores estão sintonizados em um discurso hegemônico? Ou existem disputas e antagonismos na formação do povo do Ensino de Geografia?

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. Educação Geográfica: Trajetórias. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 19, p. 215-234, jan./jun., 2020.

Disponível em: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v10i19.917>. Acesso em: 03 ago. 2020.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: vasculhando anotações... **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 19, p. 235-252, jan./jun., 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.46789/edugeo.v10i19.918>. Acesso em: 03 ago. 2020.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Para onde estão indo as investigações sobre ensino de geografia no Brasil? Um olhar sobre elementos da pesquisa e do lugar que ela ocupa nesse campo. **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, v. 36, n. 3. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/bgg.v36i3.44546>. Acesso em: 03 ago. 2020.

DE PAULA, Cristiano Quaresma. A expansão da Pós-Graduação no Território Brasileiro e a Emergência de sujeitos historicamente invisibilizados na pesquisa



Geográfica. **Revista da ANPEGE**. V14, n25, ago/out. 2018. Disponível em:

<https://doi.org/10.5418/RA2018.1425.0002> . Acesso em: 01 abril 2021

LETA, Jaqueline. Indicadores de Desempenho, ciência brasileira e a cobertura das bases informacionais. *Revista USP*, São Paulo, n. 89, p. 62-77, março/maio,

2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13869/15687>

. Acesso em 24 maio 2020.

MORAES. Jerusa Vilhena de. As pesquisas em ensino de Geografia no Brasil: para onde devemos ir? **Revista Signos Geográficos**. Goiânia, v. 1, 2019.

Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/signos/article/view/58902>. Acesso em: 03 ago. 2020.

PINHEIRO, Antonio Carlos. Revisitando e Refletindo sobre as Pesquisas Acadêmicas na Área de Educação Geográfica no Brasil. **Revista Brasileira De Educação Em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 19, 198-214. Disponível em:

<https://doi.org/10.46789/edugeo.v10i19.916>. Acesso em: 03 ago. 2020.

PINHEIRO, Antonio Carlos. Trajetória da pesquisa acadêmica sobre o ensino de Geografia no Brasil – 1972-2000. **Tese** (Doutorado em Geociências).

Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003. Disponível em:

<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/287394>. Acesso em: 03 ago. 2020.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Geografia e educação: uma narrativa e um ensaio. **Signos geográficos**, Goiânia, v. 1, 2019, p. 1-16. Disponível em:

<https://www.revistas.ufg.br/signos/article/view/60672/33775>. Acesso em: 10 ago. 2020.